

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 508	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	6120	I DE FEVEREIRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

São tres os acontecimentos importantes que do balanço dos ultimos dez dias decorridos a chronica apura, não querendo, como esta não quer, frequentar as camaras, lêr artigos de fundo, andar pelas arcadas, intrometter-se no mundo politico

D'esses tres acontecimentos, dois d'uma natureza sumamente artistica, são alegres, festivos; o outro é profundamente triste e luctuoso: — a morte de Roza Araujo.

A pessoa que escreve estas linhas tratou muito de perto com o grande e benemerito cidadão, e pode apreciar todas as grandes qualidades de coração e de character d'esse grande homem tão bom quanto modesto, que tanto fez pela sua patria e que tão atribulados teve os ultimos annos da sua vida, d'esse homem que depois de se homem que depois de ter feito uma cidade, porque a Lisboa de hoje foi feita por elle, teve a coragem honradissima de ir para o balcão da sua confeitaria tentar refazer com o trabalho modesto e obscuro de guarda livros, a riqueza que perdera a tratar de politica, a trabalhar para o bem dos outros.

Roza Araujo teve essa singularidade honrosissima: elle, que era riquissimo, empobreceu na politica, onde tem enrequecido tantos que d'antes não tinham onde cahir mortos.

E na opulencia e na adversidade Roza Araujo conservava sempre aquella bonhomia caracteristica, aquella simplicidade chan de tracto, aquella bondade nata e *sui generis* de character, de que tantos usavam, de que tantos abusavam, sem conseguirem n'unca fazer d'elle um azedo, um desconfiado.

Roza Araujo foi um grande e foi um homem. Foi um grande pela sua obra monumental do engrandecimento de Lisboa, da Lisboa de que elle foi o Marquez de Pombal do nosso seculo, na phrase elegante e justissima d'um dos oradores que junto do seu

tumulo fizeram a sua apotheose, foi um bom por todos os actos da sua vida particular, que foi toda uma vida de dedicações e de caridade, a fazer bem a todo que se aproximavam d'elle, a amigos, a conhecidos, a estranhos, e até a inimigos.

A morte veio surprehendel o muito novo ainda, na força da vida, e surpreendeu-o com uma rapidez quasi fulminante.

Está doente o Roza Araujo, disse se n'um dia; está muito mal, disse-se no outro: morreu o Roza Araujo disse se no immediato.

E essa lugubre noticia espalhou-se por toda a cidade luctuosamente como um manto de crepe.

É que Roza Araujo era profundamente querido e estimado em Lisboa inteira e apesar dos bons tempos terem já passado, ninguem tinha ainda entre nós popularidade igual á d'elle:

— é vêr a imponente demonstração de sentimento publico que foi o seu enterro, um enterro como de minha memoria n'unca houve outro em Lisboa.

O OCCIDENTE publica hoje o retrato de Rosa Araujo em homenagem á sua memoria gloriosa e por isso nós aqui lemitamo-nos a registar a sua sentida morte dizendo o ultimo adeus ao amigo querido, ao desvellado protector das creanças e dos pobres, ao fundador da Creche de Santa Eulalia, ao benemerito e grande trabalhador que deixa do seu trabalho infatigavel, intelligente, pertinaz, essa obra maravilhosa que veio transformar completamente a nossa cidade, que se chama Avenida da Liberdade, e que deveria chamar-se d'hoje em deante, a Avenida Rosa Araujo.

* * *

Os dois acontecimentos artisticos foram as recitas da Judic no theatro da Trindade, a aparição do *Orpheu* de Gluck no theatro de S. Carlos

A Judic esteve em Lisboa ha oito annos. Era mais nova, trouxe o mesmo repertorio que então era novo para nós e representou para os bancos do theatro.

Agora, mais velha, já caminho de certa decadencia, com uma companhia deficiente, e um repertorio já velho teve enchenches successivas.

Vãolá explicar isto! Capriches da moda que não tem nunca explicação.

No seu repertorio trouxe de novo *Le Fiacre 117*, que já era conhecido em Lisboa, o *Parfum* uma comedia muito engraçada mas de liberdades pornographicas, e a *Roussotte* um vaudeville insignificante.

O seu grande successo, foi, como da outra vez a *Nitouche*, e as *Chaussonnettes* em que ella é verdadeiramente extraordinaria.

* * *

A novidade de S. Carlos tem muito mais alta importancia artistica — a ressurreição d'uma das melhores operas de Gluck, o celebre *Orpheu* que há 92 annos se representou já em Lisboa.

Foi ha quasi um seculo, em 1801, que o *Orpheu* de Gluck appareceu no palco de S. Carlos, cantando a parte d'*Orpheu*



DR. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA FALCAO

FALLECIDO EM COIMBRA NO DIA 14 DE JANEIRO DE 1893

(Copia de uma photographia do sr. J. M. Santos)

o celebre Crescentini, o famoso castrado, que então dirigia o theatro de S. Carlos á frente d'uma sociedade de cantores, que o recebem das mãos do Dr. Bahiauna, cuja desastrosa empresa não chegára a durar seis mezes, o illustre cantor que deixou a sua passagem pelo nosso theatro assignalada não só pelo enorme sentimento do seu canto, como tambem e principalmente pelas suas encarniçadas luctas, com a outra *estrella* d'essa época, a celebre Catalani, luctas de que a Catalani sahia victoriosa e a que não era estranho o ciúme, por mais estranho que isso pareça.

Foi no anno de 1801, o anno famoso nos annos do theatro de S. Carlos pela rivalidade da grande cantora e do celebre castrado e pela extraordinaria festa que na noite de 11 de novembro organisou o intendente Pina Manique, para solemnizar o tratado de Badajoz, festa como nunca se viu na nossa terra e nunca mais cá se tornou a ver, uma recita de gala por convite, com opipera e abundante ceia offerecida indistinctamente a todos os convivas, que enchiam os camarotes e as platéas do enorme theatro de S. Carlos, servida em mezas armadas em todos os corredores dos camarotes e em todos os salões do theatro — que se representou pela primeira vez o *Orpheu* de Gluck.

Evidentemente a famosa opera do grande reformador que tanto deu que fallar em toda a Europa, não teve aqui o mesmo extraordinario exito que alcançára em Vienna, em Paris e em Italia, porquanto desapareceu logo do repertorio de S. Carlos para só resurgir agora ao cabo de 92 annos.

Lá fóra o *Orpheu* era considerado uma obra prima e a posteridade sancionou a opinião dos contemporaneos do celebre compositor, cuja nacionalidade, quasi como a de Homero, foi disputada por tres nações.

Franceses, allemães, italianos, queriam que Christovão Gluck fosse seu patricio, apesar d'elle ter nascido na fronteira da Bohemia, no alto Platurado, na pequena cidade de Weidenwag onde seu pae era guarda caça do principe de Lobkovitz.

Nascido em 2 de julho de 1714, Gluck mostrou logo muitas tendencias para a musica, cujos elementos aprendeu nas escolas publicas de Kaumetan, arte em que se aperfeiçoou em Praga e depois em Vianna, onde o conde Melzi, um fidalgo milanez que o conhecera pequeno em casa do principe Lobkovitz, o tomou sob a sua protecção, fazendo-o seu mestre de capella e levando-o para Milão a receber o baptismo artistico da Italia, a patria das artes.

Foi em Milão que Gluck escreveu a sua primeira opera *Artaxerxes* sobre um poema de Metastasio.

A opera agradou, succederam-se-lhe outras mais, todas com exito, excepto uma, a *Queda dos Gigantes*, que elle escreveu para Londres, que cahiu e que lhe valeu severas criticas do maestro Haendel, até que enfim, o *Orpheu*, que aos 58 annos pôz em scena no theatro italiano de Vienna, lhe deu a consagração universal.

Gluck encontrara n'essa opera o librettista que convinha ao seu talento, Reniero Calzabigi, que foi ao seu genio o mesmo que Lorenzo da Ponte ao genio de Mozart — um habil interprete do seu instincto creador.

Tendo em alto grau a sciencia da musica, mas possuindo no mesmo grau a sciencia do *reclame*, Gluck, que tivera em Vienna como discipula Maria Antonieta, assim que a viu casada com o delphim de França, tratou logo de deitar ao mar barcos e redes para fazer com que o seu *Orpheu*, o seu *capo lavor*, fosse representado em Paris. E tanto fez que o conseguiu, apesar de ter em Paris um rival terrivel: — o maestro Piccini.

O *Orpheu* que em 1762 fora cantado pela primeira vez em Vienna d'Austria, desempenhando a parte de *Orpheu* um castrado celebre, o Guadagni que possuia uma das mais bellas vozes de meio soprano, da segunda metade do seculo XVIII, foi cantado d'ali a doze annos, em 2 de agosto de 1774 na opera de Paris, sendo o papel de *Orpheu* cantado por Legros, o de *Eurydice* pela celebre Sophia Arnould o d'*Amor* pela Rosalie Lavasseur.

Não obstante a guerra que lhe foi feita por Piccini e pelos seus amigos, apesar das famosas luctas de *gluckistas* e de *piccinistas* que ficaram celebres na historia da arte, o *Orpheu* teve um exito colossal em Paris e conservou-se no repertorio até 1830, e quando de nosso tempo, em 1859 foi resuscitado do pó dos archivos pela empresa do theatro lyrico de Paris, teve ainda um enorme successo.

No desempenho d'essa *reprise* do *Orpheu* figurou uma artista que depois foi celebre e cantou com grande successo em Lisboa, a Maria Sass,

que fez o papel de *Eurydice*. O papel de *Orpheu* foi cantado e representado magistralmente pela Viardot e o d'*Amor* por m.^{lle} Moreau.

Pois o *Orpheu* de Gluck, acaba de triumphar agora no theatro de S. Carlos como ha 131 annos triumphou em Vienna, como ha 119 annos triumphou em Paris. É que, digam o que disserem, o bello é de todos os tempos, e na obra d'arte ha uma coisa que não envelhece nunca, que triumpho sempre — o genio.

O D. João de Mozart será eternamente bello e eternamente novo, como eternamente novo e eternamente bello será Shakspeare, Molière, Goethe, Dante, Camões, Virgilio, Homero, como eternamente bello e eternamente novo é esse famoso *Orpheu*, no qual no anno da Graça de 1893, em pleno fim de seculo, Amelia Stahl foi victoriada, aclamada ao cantar a mesma aria celebre, com que em 1801, quando o seculo XIX dos fados infantis sahia apenas, o sopranista Crescentini fazia saltar lagrimas de todos os olhos:

Che farò senza Euridice?
Dove andrò senza il mio bene?

Não conheço mais brilhante e positiva demonstração da immortalidade da obra d'um mortal, do que essas apotheoses espontaneas, desinteressadas, que a posteridade faz sem paixões, sem parcialidades, sem nenhuma d'essas mil circumstancias pequeninas e mesquinhas, que influem no julgamento dos contemporaneos, ás obras d'arte que sobrevivem ao artista, a essas obras d'arte que são como que o sacrario precioso em que vive eternamente a luz do seu genio, mesmo depois de ha seculos apagada para sempre a chama que a produzia.

A reaparição do *Orpheu* em S. Carlos foi uma d'essas apotheoses e por isso teve uma grande significação artistica.

O enredo da opera é tudo o que ha de mais simples, segue quasi passo a passo a tradição virgiliana: a musica é d'uma singeleza classica, commovedora na sua simplicidade. O *Orpheu* como diz Scudo, é a obra moderna que mais dá a sensação das antigas representações das tragedias gregas de Sophocoles e de Euripedes.

O publico ouviu a opera de Gluck deliciado, maravilhado, surprehendido, porque imaginava que da erudição d'uma opera que tinha seculo e meio de existencia resultasse qualquer sensação de fadiga.

O *Orpheu* tem apenas tres personagens *Orpheu*, *Eurydice* e *Amor*, ou para melhor dizer, uma só, *Orpheu*, porque *Eurydice* e *Amor* pouco ou nada tem que cantar e o *Orpheu* é quem tem exclusivamente a responsabilidade dos quatro actos da opera.

Amelia Stahl — *Orpheu* — sahio se magistralmente de todas essas responsabilidades e revelou-se nos na opera de Gluck, grande cantora e boa comediante.

Teve em toda a opera uma ovação enorme e justissima, porque Amelia Stahl é n'ella verdadeiramente esplendida.

O *Orpheu* está bem posto em scena, e nós, paraphraseando o que Scudo escreveu quando o theatro lyrico de Paris fez em 1859 a *reprise* da opera de Gluck, diremos para terminar:

«Mesmo quando o theatro de S. Carlos não desse n'este 1.º anno da sua gerencia senão o *Orpheu* de Gluck, teria bem merecido da arte musical.»

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

DR. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA FALCÃO

LENTE DE VESPERA
DA FACULDADE DE MATHEMATICA

Tinha 52 annos incompletos. A morte fulminou-o exactamente n'esse periodo de maturação em que o homem se sente bem temperado, apto, para o trabalho fecundo.

Ainda hontem entrara de vez na arena da politica, treçando armas com fidalga coragem pela escola democratica, que desde moço se costumara a adorar n'um quasi platonismo; e é quando todo o partido republicano portuguez o olha es-

perançado e o proclama um dos seus dirigentes prestigiosos, de bom conselho e de acção prudente e moderadora, com auctoridade para sustar impetos perigosos, que elle desaparece bruscamente na voragem do tumulo, deixando aos correligionarios uma saudade immensa e o desalento e inquietação da orphandade!

Depois do movimento militar de 31 de Janeiro, José Falcão, um democrata sincero, mais philosopho do que revolucionario, repelliu nobremente a responsabilidade d'aquelle condemnavel e sangrento successo, verdadeiro desastre para o partido republicano e mais ainda para a patria, e accentuou a sua distincta individualidade politica, proclamando sem preconceitos nem odios, que nunca abrigara em seu bondoso coração, a propaganda das ideias avançadas, por processos ordeiros. Repugnava-lhe a lucta fratricida, a revolta de caserna, e só aspirava ao triumpho da sua causa pelo derramamento da instrucção popular, e pela discussão seria e digna dos graves problemas economicos e sociais que atropelavam ha tempos a pujante vitalidade da nação portugueza. Esta correctissima attitude, cuja divisa appareceu ultimamente n'aquella sua eloquente phrase «Se a monarchia ainda pode salvar a patria, que governe...», como que determinou uma nova orientação no partido republicano, que, escutando lhe a palavra conciliadora e de excellent alvedrio, desde logo o convidou a assumir a proeminente posição de seu chefe nas provincias do norte.

Elle accitou este espinhoso encargo, e d'ahi principalmente a reorganização do partido, sob uma forma mais disciplinar, e por ventura mais accommodada ás proprias forças.

O dr. José Falcão foi professor erudito e talentoso, e deixa do seu nome tradição veneranda nos fastos da Universidade. Escravo dos deveres academicos, e insaciavelmente estudioso, para elle não havia horas de ocio, e trabalhou sempre, mesmo a braços com graves enfermidades, prestando importantes serviços á faculdade de mathematica, especialmente com o seu 1.º astronomico.

Os brilhantes meritos scientificos com que conquistou um logar distincto no magisterio superior, crearam lhe notavel reputação no estrangeiro, onde os seus trabalhos foram apreciados com louvor por altas capacidades.

Jornalista e pamphletario, sabia traduzir as suas convicções em palavras sobrias e elevadas, fugindo dos desvaireamentos da linguagem, que sempre evitou como escolhos perigosissimos para o exito de toda e qualquer causa. Seguindo escrupulosamente esta senda, honrou sobremaneira a imprensa periodica, e levantou muito alto o nobre sacerdocio do jornalismo, como poderoso factor da civilização e das liberdades publicas.

Foi chefe de familia extremoso, e n'este particular possuia attributos de fino quilate.

A sua morte, profundamente lamentada pelo partido republicano, tambem enlutou o paiz, que o contava entre os seus filhos mais benemeritos

A CATHEDRAL DE BURGOS

A cento e trinta e cinco kilometros ao Norte de Madrid, está a cidade de Burgos, na Castella Velha e proxima ao rio Arlanzon.

E' cidade antiquissima e foi capital do reino, antes de Toledo e de Madrid.

Durante a guerra da peninsula, os francezes tomaram Burgos aos hespanhoes, mas os exercitos aliados expulsaram os francezes, em 1813.

Burgos possui um dos monumentos mais notaveis da Hespanha e até da peninsula. E' a sua cathedral, edificio grandioso, um primor da architectura gothica, que faz a admiração de quantos o vêem

A cathedral de Burgos foi fundada pelo rei Fernando III ou S. Fernando, que a mandou construir em 1221, no logar em que tinha os seus paços, que cedeu para aquelle fim. Nove annos depois, ou em 1230 principiou a celebrarem-se os officios divinos na parte do edificio concluida, levando, porém, seculos para se acabar a grandiosa fabrica, para o que concorreram os reis successores de S. Fernando e o povo.

Ignora-se o nome do architecto que planeou tão grandioso edificio, sendo certo que muitos collaboraram na execução do plano primitivo ou o ampliaram, mas com tanta arte e intelligencia que a obra não soffreu com a collaboração de tantos architectos, e antes pelo contrario sahio bella, admiravel, como ainda hoje se vê.

O primeiro architecto de que ha noticia de ter dirigido as obras da cathedral, chamava-se Henrique, e a este seguiram-se João Perez, Pedro

JOSÉ GREGORIO DA ROZA ARAUJO

Sanchez e Martin Fernandez Mais tarde, no século xv, dirigiram os trabalhos os celebres Colónias.

A fachada principal, denominada de Santa Maria e que olha a Oeste, é de puro gothico florido. Aos lados erguem-se duas grandes torres da altura de cerca de 150^m rematando em formosas pyramides de delicado lavor. Torres e fachada são compostos de tres ordens. A primeira consta de tres portas ogivais tendo sobre os remates de cada arco central dois nichos com as estatuas do ca. la arco central dois nichos com as estatuas do ca. la

A porta central tem tambem tres ordens de decorações, em que se vêem as imagens dos doze apóstolos, e muitas outras figuras mettidas em nichos, tudo de delicado lavor.

A fachada de Leste, que é a que a nossa gravura representa, é bellissima A porta de estylo Renascença, é decorada com as estatuas dos quatro evangelistas e outros santos e anjos em grande profusão. A primeira vista parece esta parte um retabulo recentemente ali collocado, porque a brancura da pedra de que é feito e a delicadeza dos seus profusos ornatos de um estylo differente do resto do edificio, destaca fortemente ainda que do seu aspecto é agradável e enleva quem o vê.

A fachada do Sul fica n'um plano superior a que se sóbe por uma escadaria espaçosa de vinte e dois degraus, e não é inferior ás que deixamos ligeiramente descriptas, tendo como aquellas, muitas estatuas e delicados labores.

O interior da cathedral compõe-se de tres naves, formando a do centro cruz, como em quasi todas as egrejas d'aquella epoca.

Tem cerca de 150^m de comprida por 45^m de largura e 102^m de altura. Tem quinze capellas espaçosas, em que se celebram officios divinos sem dependencia nem estorvo umas das outras, tendo cada uma orgãos magnificos.

A capella mór de estylo Renascença, é de tres ordens em que se vê a dorica, jonica e corinthia, tendo mais de trinta imagens de tamanho natural. O sacrario é de extraordinaria elegancia. De fórma pyramidal, ergue-se sob um pavilhão de esculpição em marmore imitando um tecido, e orlado de anjos de delicada esculpição.

Em uma das capellas existe uma imagem do crucificado de tamanho natural, que além da perfeição da sua esculpição é verdadeiramente singular. Esta imagem é forrada de pelle humana!

O mais admiravel, porém, d'este celebre templo, o que mais surprehende o viajante que o visita, é a torre levantada sobre o cruceiro em fórma de zymborio. Não se sabe que mais admirar, se a extraordinaria altura a que se eleva, se a solidiez da sua construcção, se o conjuncto elegante da sua fórma, o que fez dizer a Philippe II quando o viu: *que mi dá a eia o ra de anj's que de homens.*

Toda a mole é de pedra de Outoria, tão branca e suave como se acabasse de receber o ultimo burnimento.

O côro é magnifico, com tres ordens de cadeiras de preciosa madeira com embutidos delicadissimos e primorosa talha em relevo representando assumptos do Novo Testamento, destacando-se sobre todas a cadeira do arcebispo pela riqueza e gosto de seus labores.

Sobre a galeria que circunda o côro ha dois orgãos magnificos custosamente decorados em estylo jonico.

A capella denominada do Condestavel é sem duvida a joia d'esta cathedral. O estylo da sua architectura é ogival florido, chamando a attenção a sua entrada decorada com primorosas esculpições representando a Purificação da Virgem, etc. Os tumulos de D. Pedro Fernandes de Velasco, condestavel de Castilla, e seus descendentes, é muito para se ver.

Uma imagem da virgem, de portido, que ha no altar-mór, um grande numero de cabeças que estão sob o cornijamento e a aboboda fechada em uma estrella de filagrana com um medalhão da Virgem, são primores de esculpição da epoca, que não é facil encontrar em outra parte.

Seria preciso um grande volume para descrever todas as bellezas que se encontram na cathedral de Burgos, monumento afamado em todo o mundo e que desperta a curiosidade do viajante e do amator de coisas d'arte, por isso o que fica dito é apenas um pallido reflexo do que o leitor poderá ver, se alguma vez fór a Burgos visitar tão bello monumento religioso da península.

Ainda no século xvi se chamavam *homens bõs*, aos nobres, aos ricos e aos probos que viviam em cada cidade ou concelho: «E outros muytos homens bõs moradores e vesinhos da dita cidade...»; mas se esta denominação significava effectivamente as qualidades que se devem reunir n'um homem bom, isto é bondoso, lavado de paixões e de interesses egoistas, desprendido de vaidades e dos bens terrenos, amigo do proximo como de si proprio, ou mesmo esquecendo se de si para bem dos outros, é o que não sabemos, e até chegamos a duvidar que assim fosse, visto que aquella denominação designava os nobres e os ricos, que podiam ter boas qualidades de nobreza e de riqueza, sem terem as boas qualidades de coração e de alma.

Hoje, porém, como então, Roza Araujo não poderia deixar de ser um *homem bõ*, se ainda fosse usada esta denominação para designar os cidadãos mais respeitaveis dos municipios, e teria aquelle nome com todo o direito e justiça, não só pelas suas qualidades de rico e probo, mas sobretudo pelas qualidades da sua alma e do seu coração.

Estas sim é que sobrelevaram a todas e fizeram d'elle um benemerito, ao mesmo tempo que o fizeram tambem uma victima.

E no entanto se Roza Araujo tivesse esgotado os thezouros do seu oiro, que não os do coração, que eram inexauriveis, só em acudir ao proximo, sem que a politica lhe sahisse ao encontro, talvez que a sua morte não fosse tão profusamente annunciada nos jornaes com necrologios sentidos, em que não se esquece a sua lealdade politica, a par de muito que Lisboa lhe deve, ou melhor, lhe ficou a dever.

Ah! a politica, foi a que mais o explorou, a que o arruinou. Elia fel-o vereador, fel-o deputado, fel-o par electivo e fel-o pobre; e no entanto elle não tinha aspirações politicas, era só para fazer a vontade aos amigos, que queriam por força que elle fosse um politico, quando elle era simplesmente um bom, na mais completa e exacta accepção d'esta palavra, e porque era bom, não houveram mais que o não explorassem até ao ultimo ceitil.

D'essa exploração nasceu a sua popularidade, ainda mais, talvez, que das obras com que engrandeceu Lisboa, porque desde os mais altos personagens até ao mais humilde proletario, todos recorreram a elle, para salvar de uma difficuldade financeira a uns, para matar a fome a outros.

E quando, já com a sua fortuna comprometida, quando já não podia nem devia dar do que não era seu, ainda havia quem lhe pedisse, e elle ainda dava, porque o affligia mais a miseria alheia do que a sua propria.

Era uma loucura sublime, deixem-me assim chamar lhe, porque n'aquelle dar incessante, sem limites, elle não tinha outra mira que a propria satisfação dos seus sentimentos humanitarios, da sua grande caridade evangelica, d'aquella que manda dar com a mão direita sem que a esquerda saiba, e uma grande parte do que deu foi assim, sem laivos de philantropia, sem o annunciar, nem esperar reclamo, só por fazer bem, sem humilhar ninguém, sem levantar pedestal sobre essas humilhações.

Bom é que se saiba que nos fins do século xix ainda houve em Lisboa um homem assim.

* * *

José Gregorio da Roza Araujo nasceu em Lisboa, a 17 de novembro de 1840. Era filho de Manoel José da Silva Araujo, antigo e acreditado confeiteiro estabelecido na travessa de S. Nicolau, e de D. Eulalia Roza da Silva Araujo, ambos já fallecidos.

Seu pae legou-lhe uma fortuna consideravel de par com o estabelecimento, que era uma mina inexgotavel, pelo extraordinario negocio que fazia.

Fôra muito limitada a educação litteraria que Roza Araujo teve, mas a que recebeu de seus paes, não podia ser mais salutar pelos exemplos e regras boas de honradez immaculada.

Sob estes principios entrou elle na vida com o coração cheio de bons sentimentos, com a alma aberta ás grandes acções.

Quando seu pae morreu já elle trafegava no estabelecimento, e os dotes de bondade com que a natureza o enriquecera, manifestavam-se no entusiasmo com que se associava a qualquer obra meritoria, quando não era elle proprio que a iniciava.

Nas associações principiou a sua carreira publica, e ganhou fama de dedicado á causa popular, e

n'estas alturas o tentaram com a politica para elle accetar o ser vereador da camara.

Elle annuiu; não tinha outras aspirações mais que as de ser util, podia sel o assim, podia realizar planos que lhe rumiavam no intimo, de engrandecer a cidade que lhe fôra berço, de a dotar com melhoramentos que a povesse a par de outras capitaes da Europa, e em 1872 entrou na vereação de Lisboa, e d'ahi datam as grandes obras municipaes que transformaram a velha cidade.

Iniciou as obras do bairro Estephania; creou os azylos municipaes com escolas para as crianças; as crèches, principiando pela de Santa Eulalia, que assim denominou em memoria de sua mãe; creou os talhos municipaes como meio de obstar ao monopolio dos marchantes; cooperou quanto pôde para a conclusão dos Paços do Concelho e promoveu muitos dos melhoramentos da cidade, de que hoje gosamos, a maioria dos quaes foram de sua iniciativa.

A sua obra mais collossal, porém, foi a Avenida da Liberdade, esse grande logradouro publico que Lisboa hoje possui, e que orgulhosa pôde mostrar ao estrangeiro que a visita, como uma das primeiras avenidas das mais bellas cidades da Europa.

Essa grande obra só por si bastava para o reconhecimento de Lisboa inteira, e só a extraordinaria vontade de Roza Araujo foi capaz de lutar com todas as difficuldades que se levantaram para a sua realisação.

Ainda nos lembra a opposição que uma grande parte da cidade fez áquella empreendimento. A demolição do Passeio Publico horrorisava a maioria dos habitantes da baixa, e até houveram representações á Camara por causa do attentado que Roza Araujo queria praticar.

Outra menor difficuldade era a falta de dinheiro para uma semelhante obra, mas d'essa difficuldade triumphava facilmente Roza Araujo. O municipio não estava habilitado para tão grandes despezas, mas Roza Araujo tinha ainda algumas dezenas de contos, e então ter elle dinheiro era o mesmo que ter o municipio, e a obra inaugurou-se no dia 24 de julho de 1879, pela demolição do theatro das Variedades e da antiga praça do Salitre, emprestando Roza Araujo á Camara 22 000\$000 para a compra d'aquellas duas propriedades.

N'aquelle mesmo dia ouvimos nós dizer a alguns bons burguezes circumspectos, que ao nosso lado assistiam ás primeiras pancadas demolidoras, que os bombeiros de Lisboa applicavam com as suas picaretas, no velho templo da arte, estas palavras que nunca nos esqueceram:

— Aquillo vae bem, apontando para os velhos pardieiros, mas isto, e referiam se aos grandes predios da rua do Salitre e praça da Alegria de Baixo, isto é que não vae assim. Custa muito dinheiro e não será na nossa vida que elles serão demolidos.

E no entanto d'ali a um anno já os taes predios tinham desaparecido sob o camartello municipal e apenas estava de pé o Passeio Publico, aquella jaula de flores que fazia as delicias das familias da baixa.

N'isto procedeu Roza Araujo com uma finura, que o grande desejo de realisar aquella obra, lhe inspirou muito acertadamente.

Depois de demolidos os predios da praça da Alegria e da rua do Salitre, todos concordaram em que se demolisse tambem o Passeio Publico, e d'este modo o que até ali fôra um obstaculo quasi invencivel, tornou se uma necessidade reconhecida, e parece-nos que ninguem dos que d'antes se horrorisavam só com a idéa de ver desaparecer o seu querido Passeio Publico, hoje não terá reconhecido quão mais bella é a Avenida da Liberdade, onde os habitantes de Lisboa vão respirar a plenos pulmões e espraiair a vista por tão dilatado campo.

Hoje a Avenida é o ponto de reunião de toda a Lisboa que passeia; os edificios que a ladeam são dos mais sumptuosos da cidade, e o ar que ali se respira é do mais puro e que mais vem beneficiar a baixa.

D'aqui a alguns annos concluidas que sejam as obras, a Avenida da Liberdade não terá rival em outras capitaes e será o que de melhor haverá para ver em Lisboa.

E tudo isto se deve á iniciativa e esforço de Roza Araujo, que sem dispôr do poder absoluto d'um marquez de Pombal, para levantar a cidade das ruinas, secundou o grande estadista um seculo depois, fazendo da cidade antiga uma cidade moderna.

Roza Araujo operou este prodigio levado pela sua vontade singela de beneficiar Lisboa, e dizemos singela, porque essa vontade não tinha reverso.

Ainda hontem dizia Magalhães Lima, fallando de Roza Araujo:

— Fez aquella grande obra da Avenida que a muitos teria enriquecido e não obstante elle ficou pobre!

E assim foi com a Avenida como com todos os melhoramentos de Lisboa; e assim com a politica com que só aproveitou aos outros, sem nada aproveitar para si, mesmo depois de já nada ter que dar e bem precisar que lhe dessem.

Quando esgotou os seus haveres, retirou-se da arena politica para se entregar mais avisadamente aos seus negocios particulares, afim de restaurar o perdido, mas se a morte o não colhe antes d'elle se resgatar dos compromissos que o assoberbavam, estamos certos que voltaria a pôr a sua bolsa e a sua actividade á disposição dos que lhe pedissem um auxilio, e da sua Lisboa que elle tanto adorava.

Se nos ultimos tempos da sua vida, cometteu

nero dos espectaculos que em pouco tempo se viu surgir, na capital partenopea, muitos outros theatros, nos quaes floresceram auctores e actores melodramaticos que se immortalizaram, e esses proto-artistas lyricos foram convidados a virem deliciar a Europa.

Entre os treze templos d'arte, que Napoles se orgulha de possuir *San Carlo* é o que mais gloriosas tradições conserva, e é o mais amplo do mundo; os outros são: *Teatro del Fondo*, *Bellini*, *Fiorentini*, *Rossini Nuovo*, *Sannaçare*, *Circo Nazionale*, *Politeama Partenopeo*.

San Carlo foi construido no tempo de Carlos III de Bourbon, que apesar de protector decidido das artes e da civilização, não possuia gosto, nem fruiu paixão alguma pela musica nem pelo theatro. Comtudo não era assim a rainha, a quem elle muito estremecia, e portanto acompanhava-a ao theatro lyrico que então era o de S. Bartholomeu.

Mas, uma noute, na ida para o theatro ao subir

a sala; accrescentou-se então ao edificio um atrio e remodelou se a fachada.

A nova decoração causou enthusiasmo, e o seu auctor recebeu muitos applausos na noite de abertura, foi tal a ovação que Murat chamou ao seu camarote Nicolini, e pondo lhe ao peito a condecoração do Merito; disse lhe:

O militar deve ser condecorado no proprio campo de ba alha e o campo da vossa victoria é este bello theatro, portanto aqui deveis ser agraciado.

Mas a obra ainda recente do architecto toscano estava guardada para ser victima das chammas: em 1816 um incendio reduziu-a em poucas horas a um montão de cinzas e ruinas.

Quiz-se então que o theatro resurgisse mais grandioso e entre os projectos apresentados o de Nicolini, além de ser o mais esplendido, era o que offercia a vantagem apreciabilissima de menor despeza.



JOSÉ GREGORIO DA ROZA ARAUJO — FALLECIDO EM 27 DE JANEIRO DE 1893

(Copia de uma photographia)

faltas, de mais lhe devem ser relevadas pelo muito de bom que fez, e pelas boas intenções com que sempre procedeu.

Quantos tem commettido faltas sem se lhe achar em que possam ser louvadas.

Caetano Alberto.

O THEATRO DE S. CARLOS DE NAPOLES

Com as evoluções artisticas, nos fins do seculo XVI, creou-se a opera lyrica em Firenze e d'ahi se transplantou para Veneza, e o primeiro theatro que se abriu ao publico foi em Mantova, cidade na qual Monteverde e Marco Galgiano alcançaram os seus primeiros triumphos. A isto se limitou a primeira phase da opera lyrica. Segue-se depois a escola napolitana em que sobresahe Alexandre Scarlatti.

Com a construcção e abertura do primeiro theatro foi tal a alegria dos meridionaes pelo ge-

uma certa ladeira um dos cavallos que tiravam o coche cahiu e a rainha assustada em extremo, disse que não mais iria ao theatro de S. Bartholomeu.

No intuito de contentar a soberana quiz o rei se erigisse um theatro, que tomaria o titulo de *San Carlo*, e que pela amplidão e esplendor excedesse todos os que se tivessem construido na Europa.

Este grande theatro foi por muito tempo considerado o maior da Italia e do mundo, até que se contruisse o theatro Apollo em Roma. Presentemente o maior theatro que existe é o *Lyceo* de Barcelona. Em *San Carlo* de Napoles debutaram muitas celebridades, os maiores cantores e maestros dos tempos modernos.

A Giovanni Medrano, brigadeiro do exercito, foi encommendado o projecto; e a sua execução a Angelo Carazale, um filho do povo, mas que pelo seu talento e trabalho alcançou grande fama.

Quando Napoleão governou o reino, chamou de Firenze o illustre architecto Antonio Niccolini para acabar o que Carazale havia deixado em meio, Murat encarregou-o de decorar novamente

O incendio foi total e de forma que Niccolini precisou reedificar o theatro desde os seus fundamentos, mas em menos de sete mezes, após a noute do funesto incendio, resurgiu este templo da arte e abriu as suas portas com o mesmo espectaculo da noite do incendio, o que muito agradou ao publico.

Em 1844, o mesmo Niccolini coadjuvado por Fausto Niccolini (seu filho), melhorou muito o theatro, concluiu e aperfeiçoou bastante o palco, mobilou a sala com cadeiras de ferro etc.; enfim, pouco depois, uma bella obra d'arte, isto é, o panno de bocca pintado pelo illustre artista scenographo Mancinelli, veio completar a já rica decoração d'este theatro.

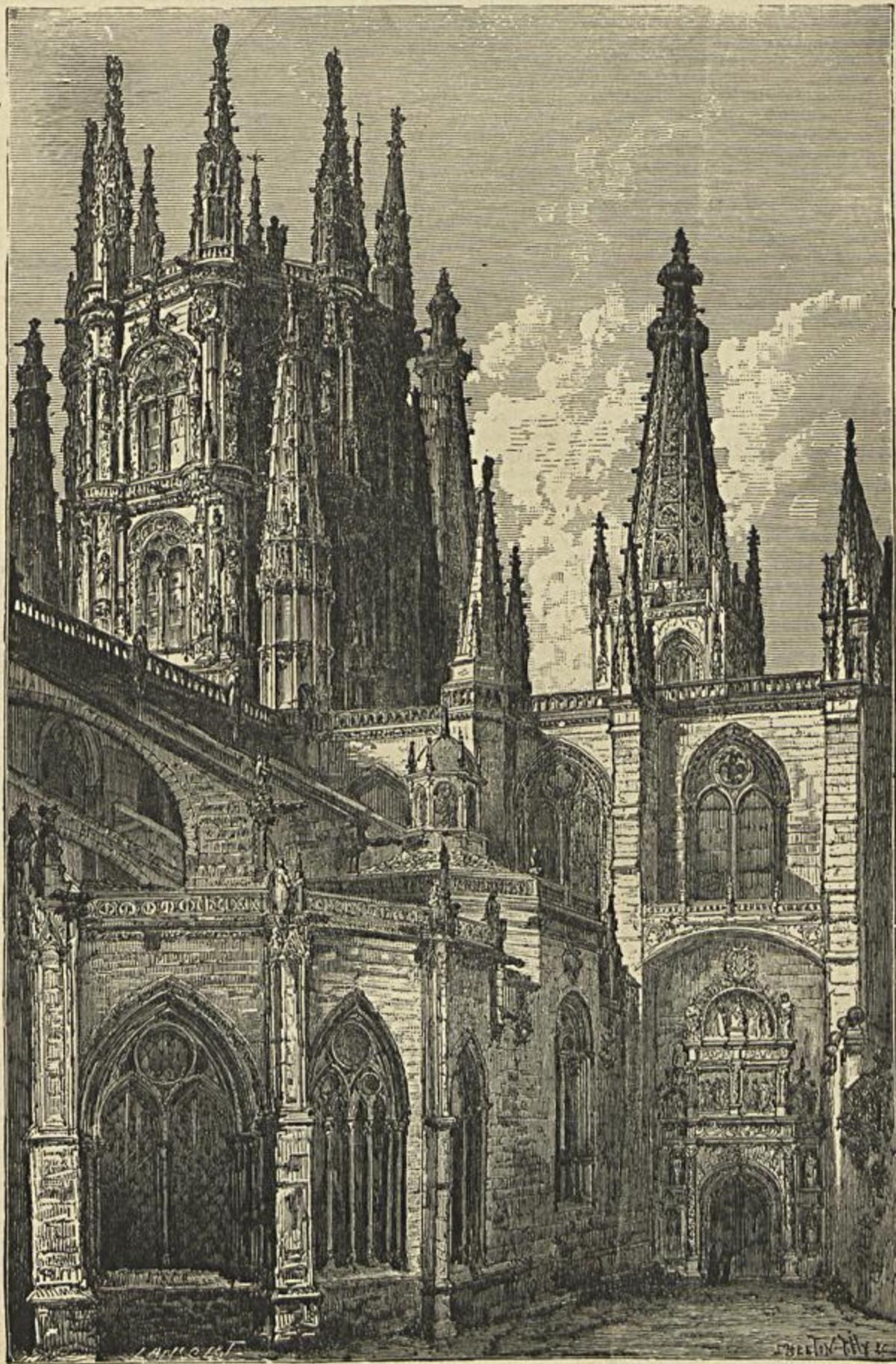
Desde da epoca da reedificação até hoje bastantes theatros se hão construido na Europa, mas se o theatro lyrico de S. Carlos tem decahido do esplendor a que o elevaram Rossini e Donizetti, a Malibran, Rubini, Lablache, o theatro monumental de S. Carlos ainda não perdeu a sua primazia.

Quando Niccolini veio renovar o theatro, reconstruiu a fachada e n'ella um atrio com cinco ar-

cos dos quaes dois extremos e um do centro correspondem á magnifica escada que conduz ao centro do theatro. Nos dois outros ha uns nichos destinados a conterem as estatuas de Apollo e Minerva. As pilastras são em rustico, o rustico é in-

to ao qual se liga um frontão triangular e no acroterio central está uma Partenope em pé, coroando os genios da Tragedia e da Comedia. A sala do primeiro andar destinada em tempo a casa de jogo foi depois dada pelo rei Fernando II

auctorisação a Niccolini para reconstruir o theatro elle ampliando o palco e construindo sala de espectáculo; conservou-lhe a antiga forma interna, forma que é a d'um semi-circulo prolongado nos seus extremos, isto é periphéria cujos ramos



CATHEDRAL DE BURGOS

terrompido superiormente aos arcos, com baixos relevos, nos quaes estão representados os prodigios da lyra de Orpheu e de Amphion e no do meio Apollo e a Musa; nos outros dois a apotheose a Sophocles e Euripide.

Uma balastrada corre em torno do edificio á altura do primeiro pavimento, sobre esta elevam se quatorze columnas de ordem jonica feitas em marmore branco, sustentando um intablamen-

to á *Accademia dei Cavalieri*, quando esta deixou o palacio *Berio* onde anteriormente reunia.

Desde 1861 que estava esta sala graciosa e gentilmente posta á disposição dos bailes dos patricios napolitanos e das pessoas mais respeitaveis d'aquelle circulo (*cittadinanza*); o que lhes foi concedido pelo rei Victor Manuel e tomou então o nome de *Casino dell'Unione*.

Quando em 1816, depois do incendio afnar.

são convergentes ao palco e que truncados no proscenio dão a forma d'uma ferradura de corcel, circunscrevendo uma plateia cujo comprimento é de 24^m,70, e no seu maior eixo mede 23^m,67.

Graças á bella obra *O Real Theatro de S. Carlos deã* só se *avoda Historico* pelo illustre prolaundo o seu esplendor Fonseca Benevides, ponalismo de Lisboa e na *Revista* mais as seguintes

Mais uma vez, custa-nos não podêr:

*Músicos na orchestra, 96.
 *Coristas, 85.
 *Corpo de baile, 84.
 *Numero de luzes da iluminação, 2:100.
 *Distancia entre duas linhas de fauteils na superior, 1^m 300.
 *Distancia entre duas linhas de cadeiras na geral, 1^m,000.
 *Numero de logares de fauteils, 156.
 *Numero de logares de cadeiras, 164.
 *Numeros de logares de plateia, 406.
 *Camarotes em 6 ordens, 166.
 *Receita em noite d'enchente, 1:967\$400 réis.»
 Acrescentamos: cada ordem de camarotes tem trinta dois, cujos parapeitos tem riquissimos dourados, figurinhas representando a comedia e allusivas á dança. O proscenio tem de altura vinte metros, é luxuosissimo e vê-se n'elle um baixo relevo representando a arte scenica. A tribuna real é magnifica, esplendida, faustosa

O nosso theatro de S. Carlos, construido em 1793 é feito á semelhança d'este, e cremos que presentemente pelo lado decorativo se lhe avanta porque *San Carlo di Napoli* é simplesmente mais monumental.

O tecto d'este grande theatro é um enorme quadro representando Apollo que conduz Minerva e os primeiros poetas do mundo, Homero e Alfieri, foi pintado pelo distincto artista Giuseppe Camnazarro.

Esteves Pereira.

OS PAÇOS MONASTICOS DE MAFRA

(Continuado do n.º 503)

Depois de exprimir a má impressão que lhe causou a pesada cúpula dos torreões de Mafra, nota em primeiro logar o nosso viajante que «é excessivamente acanhado para tamanho edificio» o vestibulo da igreja, e que esta «é muito pequena em relação ao edificio.» Temos que apreciar estas duas observações conjuntamente, visto que o vestibulo faz parte da igreja. Na verdade, o reparo é justo, mas por esse facto nenhuma responsabilidade cabe ao architecto; sim a el-rei D. João V, que, estando já muito adeantadas as obras do convento, determinou ampliar o consideravelmente, destruindo por esse modo a harmonia das proporções da planta primitiva: — «... como pelo decurso do tempo — diz fr. Claudio da Conceição (*Gab. Hist.*, VIII, 82) — resolveu el rei augmentar muito a fabrica do convento, e dilatar a sua cerca, se occuparam outras muitas terras...» — E que, de feito, succedeu assim, prova-o exuberantemente o meu bom amigo, o sr. Joaquim da Conceição Gomes, conservador do real edificio de Mafra, com o traslado da escriptura de venda de varios terrenos, por elle publicada no *Bol. da Ass. dos Architectos*, de 1890, n.º 12. De sorte que o convento, primitivamente destinado só para treze frades, em memoria dos treze dias sagrados a Santo Antonio, a quem é dedicado o templo, foi o depois para oitenta, e, finalmente, para trezentos.

«A nosso vêr — conclue perfeitamente o sr. Gomes no citado *Boletim* — o traçado alterou unicamente nas faces lateraes do edificio, cujas linhas — a partir dos torreões nos extremos da linha da frente — mediriam cada uma 88 metros; e a area quadrada seria então de 20:000 metros pouco mais ou menos. (A area occupada actualmente é de 40:000 metros.) A parallela da frente, que uniria os dois lados, teria cada um dos seus respectivos angulos ornados com um corpo correspondente aos torreões da fachada, e que faziam o remate da edificação; alli seriam as entradas do convento que ficava completo; por quanto no vasto corredor denominado das aulas, que constituia o claustro, achavam-se estabelecidas todas as officinas e dependencias da casa, como eram cozinha, refeitório, enfermaria, botica, sala d'actos, casa do capitulo e as cellas necessarias para o designado numero de religiosos.»

Pelo angulo reintrante que se vê em cada uma das faces lateraes do edificio, é facil conjecturar como elle ficaria, se não fosse alterada a primitiva planta.

Baretti diz tambem que muitas das estatuas do vestibulo «são grandes de mais para as pequenas dimensões d'elle.» Com effeito, duas, a de S. Vicente e a de S. Sebastião, são collossaes — tem cada uma 4^m,8 de altura — e melhor fóra que estivessem em ponto mais elevado; mas não creio que as outras, bem como aquellanna em que seis, de marmore de Carrara, n.º 11, a cousa senão a admiração e abertura do primeiro sam, mórmenta alegria dos meridionaes pelo ge-

o caso, é bello, sem duvida, aquelle majestoso portico de marmore preto e branco e de côres, que tão profundamente impressionou William Beckford, homem de gosto, incontestavelmente, não só dotado de grande instrução, adquirida nos livros e nas viagens. Eis como elle se exprime: — «Para nos abrigarmos do sol que dardejava com força sobre as nossas cabeças, entrámos na igreja, passando por debaixo d'aquelle soberbo portico, o qual não poucas lembranças me dá da basilica de S. Pedro, sendo povoado de estatuas de santos cinzeladas com extremo primor e delicadeza.»

E, já que nos demorámos no vestibulo, daremos uma succinta idéa d'elle.

Tres grandes arcos, aformoseados por seis columnas jonicas de 8^m,8 de altura, e duas portas mais pequenas mettidas entre aquelles, todos com seus cancellos de ferro de primoroso lavor, dão ingresso no portico da basilica. Medindo 28 metros de comprimento e 7 de largura, tem nos extremos duas portas, semelhantes ás da frontaria, que dão para o vão das torres nas suas bases, onde se notam em cada um quatro arcos que levam a obra á altura; dois, terminam em majestosas varanillas, e os espaços que medeiam entre elles e os outros dois estão ajornados com estatuas de santos fundadores de ordens religiosas, como as do vestibulo e do tamanho d'ellas. Defronte dos arcos da entrada, as tres portas da igreja, sendo a do meio formada por duas columnas caneladas, com capiteis corinthios (4^m,5 de altura), e encimada por um frontão, em que avulta uma esculptura circular de jaspe representando a Virgem, o Menino Jesus e Santo Antonio, guardada com festões e ramos de flores, dos lados, e da mesma fórma as outras duas portas. O pavimento em xadrez e a abobada apainelada de marmores de côres completam a grandeza d'este soberbo recinto.

Quanto á igreja, propriamente, Baretti limita-se a dizer que «é tão escura que se não vêem bem os marmores e as preciosidades que encerra.» Merece a pena observar que fr. Claudio da Conceição (*cit. Gab. Hist.* 367 e 368) diz exactamente o contrario: — «Não é pouco para notar a claridade d'esta basilica, pois o estar dentro n'ella é o mesmo que estar no campo, porque, além das janellas do zimbório e as mais de que temos feito memoria, tem este corpo da igreja cinco de cada parte, de majestosa grandeza, e, ainda que mettidas nas lunetas da abobada, são de figura recta, e como o sol entra por todas, e a toda a hora, desterradas as sombras, a deixa clara como o dia.»

A verdade é que a famosa basilica, sem ser clara como o dia, não é em nenhuma maneira escura, como o podem testemunhar quantas pessoas a tem visitado. De certo que não ha lá uma luz vivissima que nos cega, como na Batalha, que mais parece illuminada pelo fulgor sobrenatural da independencia da patria, conquistada aos castelhanos pelos pulsos de aço dos valorosos cavalleiros de D. João I. Mas d'ahi a ser tão escura que se não vêem bem os marmores e as preciosidades que encerra, vae a mesma differença que houve nos intuitos e no caracter dos dois reaes fundadores — o principe de boa memoria e o perdulario fidelissimo da curia de Roma.

Uma circumstancia, talvez pouco conhecida, concorreria tambem para essa asserção inexacta: o uso de doceis que, nas capellas lateraes, estavam sobrepostos aos retabulos em relevo dos altares, aos quaes faziam sombra. Taes doceis desapareceram, ha muito.

Mas, prescindindo d'essas razões, não é para causar estranheza que Baretti achasse, lá dentro, tudo escuro; — e isto pela mesma razão porque lord Byron encontrou, cá fóra, tudo luminoso e bello!

Baretti nascera sob o puro céu da Italia, e lord Byron entre os nevoeiros do Tamisa. Bastava que no dia em que aquelle visitou a sumptuosa basilica o vento oeste arrojasse para terra as brumas do Oceano, e toldasse levemente os ares, para elle ficar com a vista encandeada, e tudo lhe parecer sombrio. Pelo contrario, o cantor do *Childe Harold*, banhado pelo sol brilhante da peninsula e surpreendido com a pureza do céu e a transparencia da atmospheria nos nossos dilatados horizontes, escreveu transportado de admiração:

«Todavia, Mafra, lhè pedirá um momento de demora; Childe Harold vae percorrendo muitos sitios apraziveis, pelos quaes é enlevo de alma espiarescer os olhos satisfeitos: valles carregados de fructos, românticos outeiros... Oh! quanto é puro e vital o ar das montanhas!»

Não agradou tão pouco a Baretti a musica dos carrilhões; chama lhe «pouca e mesquinha» — já se vê, ao longe; porque, ao perto, elle proprio confessa que «os engenhos dos relógios são ca-meio, e aturdir o mais valoroso relojoeiro.» Ver-

dade, verdade, não foi muito feliz essa observação. Os carrilhões ouvem-se perfeitamente de toda a parte em Mafra; não, decerto, com o estrepito que produzem a quem está nos terraços do edificio, mas bastante suavizada a sua musica pela grande altura a que foram collocados nas torres. Por maneira que essa mesma brandura, em vez de ser um defeito, realça as melodias do carrilhão, que, segundo alguns escriptores, é n'este edificio o que mais convida a curioso e detido exame.

Baretti diz ainda que o convento tinha duas livrarias, uma já cheia de livros, e outra que se ia enchendo. Como presentemente os visitantes vêem apenas uma livraria, convem notar, antes de mais nada, que se ignora o destino que D. João V tencionava dar á vastissima sala, que ainda hoje serve para bibliotheca. Corre por tradição que seria talvez para recepção dos embaixadores. Nos primeiros tempos a livraria estava n'outra sala muito distante da actual, e só passados annos é que se pensou em a transferir para lá. Das cartas de Baretti vê-se que tinha principiado a mudança quando elle lá foi.

E, quanto aos outros pontos que versam essas cartas, uns não soffrem contestação, e outros, por serem extranhos ao nosso assumpto, temos de os pôr de parte.

(Continúa)

Alberto Telles.

ARBITRAGEM INTERNACIONAL

VI

A ARBITRAGEM ENTRE HESPAÑHA, PORTUGAL E OS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. FORMA DE A TORNAR EFFICAZ.

(Continuado do n.º 507)

Senhores:—Quando uma verdade apparece no sentimento do homem, e se affirma reiteradas vezes nos actos da propria vida, ou nos da vida dos povos, não pode, cedo ou tarde, deixar de vir a uma existencia real e effectiva. Este é o progresso natural das ideias, que, desde utopias correm lances diferentes, até se incarnarem nas instituições. E' o que terá de succeder á instituição, que ora discutimos. Aparecendo na consciencia humana, confirmada pela consciencia dos povos, necessaria aos variados e vitais interesses das sociedades, ella entra agora no dominio positivo, e pede direito de cidade. Discutir ao presente qual deva ser a organização de um tribunal de juizes compromissarios, indispensavel para a manutenção da paz na união das nações, não é o nosso proposito. Mais restricto o consideramos, visto que esta real academia o limitou e definiu, perguntando — não de que modo tornar effectiva a arbitragem entre os povos civilizados; mas de que arte organiza-la e torna-la efficiente entre a Hespanha e Portugal e as nações ibero-americanas. A questão é portanto, sem deixar de ser momentosa, de menos proporções, mais limitada, ainda que não seja menos difficil nem de menor importancia.

I

Senhores:—Para haver um julgamento é necessario que exista uma lei, um tribunal e um processo:—uma lei, porque se não podem applicar aos casos occorrentes, senão as determinações positivas ou legais; — um tribunal porque é elle quem procede ao exame das provas e applica a lei; — um processo porque é a lei adjectiva, quem dirige o julgador no descobrimento da verdade dos factos, e igualmente as proprias partes no adduzir das provas. Assim, para um julgamento, são indispensaveis duas leis — a *substantiva* e a *adjectiva*, pois que os tribunales, já fazem parte do processo, isto é da lei adjectiva. Postos estes principios, pergunto:—é possível organizar um tribunal para derimir as questões dos povos ibero-americanos, não havendo um codigo internacional, e bem assim, não existindo uma lei de processo que regule as partes no modo de provar o seu direito? Responderemos — é possível e deve ser organizado.

Entre a Hespanha e Portugal e as nações ibero-americanas não temos, essa é a verdade, um codigo de direitos e deveres, que governem estas nações em tempo de paz ou guerra; não existe um direito internacional formulado pela lei e sancionado por ella. Todavia antes da lei ser escripta, ou codificada, havia sentenças, tribunales, e, d'esta ou d'aquella forma, a administração da justiça. A propria Inglaterra, ainda agora não reduziu a codigo suas leis, castello rouqueiro do tempo da feudalidade como lhe chama Blackstone, e todavia lá os tribunales exercem suas attribuições, julgam. E porque antes de haver leis, já havia casamentos,

sucessões, propriedade, credores, devedores; puniam-se os crimes e não havia leis penaes; vê-se que os codigos não são a unica fonte do direito.

Mostra-se nos elle expresso nas instituições, e costumes nacionaes, nos usos, arestos, e casos julgados, admittidos pelo direito internacional dos diferentes povos. Decorre do direito natural das gentes, da auctoridade moral dos tratadistas; rege-o o bom senso, e chamam-lhe justiça, se tira sua existencia não só da comprehensão do direito, mas d'essa comprehensão consoante ás circumstancias e á actual civilização dos povos. Em todos elles é igual nos seus fundamentos; varia nas suas applicações; e o conhecimento d'ellas se provem não só da observação em geral, e experiencia do mundo, mas dos conhecimentos especiaes sobre este ou aquelle assumpto, nobilita o julgador. Depois que, existem principios ou melhor disposições, que, sendo accitadas por diferentes estados, teem, já agora, um caracter taxativo e a força de lei. «Deste numero, diz Bluntchli (p. 5) são, por exemplo, o accordo feito no congresso de Vienna, em 1815, ácerca dos «rios communs» e direito de embaixada, as decisões do congresso de Paris de 1856 emquanto ao direito marítimo, a convenção assignada em 1864, em Genebra, para a melhora da sorte dos militares feridos e doentes, e tambem e muito em especial, o projecto relativo ás leis e costumes da guerra, redigido em uma conferencia internacional official, reunida em Bruxellas, em 1874, projecto que tem quasi todos os caracteres de uma certa taes disposições, umas já acolhidas pelos estados, outras consagradas pela opinião publica, mercê da sciencia de seus auctores, e tantas providas de tratados, congressos, e sentenças arbitraes, certamente, repito, constituem um direito hypothetico e o mais pratico, e o mais util, para o julgamento dos juizes compromissarios. Assim, a nós nos quer parecer, que a falta de um codigo com a precisão da lei escripta, não pode empecer a constituição positiva da arbitragem. Quando não vallessem tantas decisões e casos julgados, precedentes de valor, que são de certo a base de uma jurisprudencia internacional, ahí estavam os notaveis projectos de codigo, dos insignes publicistas Bluntschli e Dudley Field, que, pelas circumstancias em que foram feitos e pela autoridade de seus authores, tem quasi a força de uma lei. Uns e outros já os temos visto citados em documentos governativos, e até a sua doutrina acceta pelos estados no regulamento dos conflictos internacionais. Depois, no silencio dos textos, supria o pretaes. Depois, no silencio dos textos, supria o pretaes. Depois, no silencio dos textos, supria o pretaes.

A falta de uma lei de processo, tambem nos não parece muito sensivel:

- 1.º — porque existem os precedentes de outras arbitragens;
- 2.º — porque a lei do processo civil, póde ser, em certos casos de proveito que se adopte;
- 3.º — porque a especialidade da causa determinar, muitas vezes, a necessidade de certas formulas a empregar;
- 4.º — porque as proprias partes, ou os arbitros, melhor sabem quaes os meios de prova de que devem lançar mão. E tanto isto é assim, que o proprio institut de Gand, que approvou um regulamento de processo para os tribunales arbitros, diz no art.º 12: — Se o compromisso ou uma convenção subsequente das partes, prescreve ao tribunal o modo de processo a seguir, ou a observancia de uma lei de processo determinada e positiva, o tribunal arbitral deve conformar-se a esta prescripção. Na falta d'ella o processo será escolhido livremente pelo tribunal arbitral, que é sómente obrigado a conformar-se aos principios que elle declarou ás partes querer seguir. — Além do que, salvo disposição contraria, ou clausula comprommissoria, do tratado em que duas nações se louvaram em arbitros, podem estes seguir o processo do art.º 15 do Regulamento arbitral internacional, do instituto de Gand.

Removidas d'est'arte, a nosso entender, as duas difficuldades: — a da carencia de lei internacional e a do processo estatuido, — vejamos como devam ser organizados os tribunales. No dizer de Rousseau, os costumes vencem lei. Não seria pois de estranheza que fossemos procurar aos precedentes a maneira porque tem sido organizados os juizos arbitraes para ahí tomar lição para o nosso objecto. Infelizmente os costumes ou pratica das diferentes nações n'este campo da arbitragem, não nos offerecem uma serie de factos analogos, dos quaes possamos concluir exemplo uniforme — uma lei. Tem-se empregado o juizo arbitral; mas sempre constituído de diffe-

rente modo. Assim que, se já encontramos, como fica dito no capitulo II, idvestidos de taes poderes, jurisconsultos reis e pontifices, corporações scientificas ou da judicatura, e, não raro, homens celebrados e de aptidões especiaes, igualmente, n'este seculo, em que o regimen da arbitragem resolveu tantos conflictos internacionaes, tem a decisão d'estes sido encarregue a chefes de estados, soberanos ou presidentes de republica, a auctoridades civis ou ecclesiasticas (communas, corpos legislativos, tribunales do cível, capitulos religiosos, etc.), a corporações scientificas e de direito, e tambem a cidadãos de um terceiro estado; e a particulares de uma das nações; ou a delegados de ambas. Não poucas vezes, os juizes compromissarios teem sido eleitos cumulativamente pelas nações entre as quaes se dá o conflicto, e pelos chefes dos estados neutros, tal foi o que succedeu na formação do tribunal de Genebra, chamado a julgar as «reclamações de Alabama». Vê-se portanto que as nações não teem seguido um methodo uniforme na maneira de constituir o tribunal de arbitros; e sobre o assumpto igualmente divergem os escriptores.

(Continúa)

Conde de Valenças.

OS MEUS LIVROS

XXI

Da acreditada casa Guillard, Aillaud & C.ª recebemos um bello volume *Os homens celebres* pertencente á collecção *Phenomenos da Atmosphaera e Continentes e Oceanos*, editado pela mesma casa, e de que já aqui, ha tempo, demos noticia. É um livro que todos os paes devem dar a ler aos filhos, *Os homens celebres*, porque n'este interessante trabalho se adquirem rapidas indicações sobre os homens que mais notaveis se tornaram na imprensa, na ceramica, physica, chimica, geometria, cirurgia, medicina, navegação, aeronautica, pintura, photographia, astronomia, caminhos de ferro e navios movidos a vapor.

É, como mostramos, uma leitura muito variada e muito instructiva.

Ainda dos incaçaveis editores Guillard, Aillaud & C.ª, estabelecidos na rua Aurea 242, recebemos as *Noções elementares de agricultura e hygiene* para uso das escolhas primarias; compõe-se o livro de 94 paginas de leitura, sendo, particularmente muito bem feita a segunda parte, sob o titulo de *Hygiene* que se desenvolve em cinco capitulos: — Ar e luz — Alimentação dos homens e dos animaes — Bebidas — Limpezas dos homens e dos animaes — Exercício, descanso e somno.

É um livro indispensavel a todo o moderno educador.

Temos agora de fallar do *Morgadinho* de D. João de Castro.

É um poeta e um rapaz. Mas que poesia e que mocidade!

O ar oxygenado dos campos do Norte invade-nos o pobre tugurio.

O sol vivificante rejuvenesce-nos.

Logo á primeira canção vemos os *Espelhos Fieis* do coração e do talento do auctor, é um encanto a *Noite do Natal*, e o *Serão á lua* é cheio d'esse tom azul, chrystalino, que só tem competidor no effeito de luz, cõr d'hortensia do *Fim da tarde* onde o *Angelus* completa a harmonia das tintas com o encanto do suave e casto amor d'*Alcie* preparando-nos para ouvir os *Contos do meu hortelão* que se desdobram no *Rimance de D. Sueyro* e nos *Novellos de Oiro*.

Maio, *As Segadoras*, *Noiva*, *Ultima canção* são verdadeiras joias litterarias que não sabemos como agradecer ao prodigo D. João de Castro.

O soneto *Alcie* não podemos resistir a transcrevel-o. É que ha ali uma tão grande parte de *Humano* que não devemos privar os leitores do OCCIDENTE d'esse brilhante de tão subido quilate.

ALCIE

Dulces engaños de mis ojos tristes. . .

LUIZ DE CAMOENS.

Que longe estás — que perto estás! — doce incoherencia

Que tu e o meu amor, só podem explicar. . .

—E's uma parte do meu ser, de esta existencia

Que foge ao Ruido, que se isola, por te amar.

Quem te vir, quem me vir, ha de pensar, decerto,
Que as nossas almas são viuvias, não têm lar. . .
E nós, Pomba-da-Paz! sentimos a voz perto,
Quando de longe estamos a fallar.

*Vamos vivendo, na esperanza de um só dia,
Dias sem fim, como Jacob, n'um calmo ancilar. . .
O sol que te allumia, e o sol que me allumia. . .*

E quanta, e quanta vez, ao ver te perpassar
N'algun sonho feliz, minha alma em alleluia
Vem debruçar se nos meus olhos, a accenar! . . .

Não ha duvida. O meu bom e querido D. João de Castro sentio que o seu bello talento não pode estar á disposição das escolas caprichosas de meia duzia de fracos que só podem dispor de acção sobre os ignorantes.

Bem haja D. João de Castro que ao emâncipar o seu talento da preocupação do reclâmo, impoz o seu nome a essa outra popularidade que só o povo sanciona.

Elle o sabe. . . Ninguem melhor do que eu estima, mais justamente o *Morgadinho*. Mas. . . verdade! verdade. . . o caminho antigo não era o melhor. . . depois do meu querido *Livro Branco*.

E' certo, e cumpre me dizel-o, que, o D. João, póde e deve fazer muito mais e melhor do que o *Morgadinho* e o *Livro Branco*, pela razão simples de eu não acreditar na existencia de *Abnas*. . . depois de terem seguido o seu caminho.

Creio que nos entendemos.

Temos ainda de fallar sobre o trabalho do nosso *Archivo da Torre do Tombo*; ácerca das navegações e conquistas portuguezas publicadas por ordem do governo, ao celebrar se a cerimonia quadricentenaria do descobrimento da America, e havemos de fazel-o.

O volumoso *m-folio* que nos é offerecido pelo venerando academico Ramos Coelho não perde pela demora em dizermos algumas palavras sobre aquelle trabalho que honrando a Academia Real das Sciencias, e bem assim a nossa Imprensa Nacional, é mais uma flôr engastada na corõa de ouro com que Ramos Coelho ha muito cinge a frente de poeta e de prosador emerito.

Mas. . . tão grande é a obra como o nosso empenho em celebral-a, e é por isso que reservamos espaço para, depois de outros trabalhos, lhe darmos o devido logar.

É porém inadiavel o nosso agradecimento ao grande historiador do *Infante D. Duarte* pela offerta que nos fez do sympathico trabalho da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Agora estamos seriamente embaraçados.

Temos sobre a nossa banca de trabalho dois volumes, ambos sobre politica militante.

Um, brando, doutrinario, sincero, cheio de vida, accusando uma alma boa, ainda que fustigada por desejos de Justiça, de Castigo, — envolvendo o seu livro com a bandeira immaculada, branca, sob o lemma de *Soluções positivas da politica portugueza*, e o porta-estandarte chama se Antonio Cabreira.

Alma nova, cheia de fogo e de crenças, sedenta de lucta e de combate para arrancar a Patria do pantano em que os judeus a fizeram encalhar, faz com que as suas palavras soem como um clarim de guerra.

Mas o guerrilha calça luva branca.

Mas o porta bandeira sente que se aproxima o exercito do Direito. . .

O outro volume tambem sobre *politica militante* é de Alfredo Mesquita a quem, aqui, mais de uma vez temos prestado justiça ao seu trabalho, — e intitula-se *Portugal moribundo*.

Este publicista, mais pratico, menos entusiasta, menos quente do que o primeiro, aponta as miserias, todas que infelizmente por de mais conhecemos, e, declarando o paiz *as portas da morte* não nos offerece infelizmente o remedio como o poderiamos salvar-o.

Doe-nos que um rapaz de talanto, muito instruido, com vontade de ser justo, se lance n'um campo para que não está apercebido, porque na politica só se debuta aos quarenta annos, repudiando o seu esplendido debute litterario no jornalismo de Lisboa e na *Revista Illustrada*.

Mais uma vez, custa-nos não poder entrar n'es-

ta secção em assumptos politicos, porque o talento e a solida erudição de Alfredo Mesquita merecia um cavaco demorado. Mas... o que não tem remedio, remediado está.

Agradecemos summamente reconhecidos o exemplar que Alfredo Mesquita nos dedicou.

* * *

Recebemos tambem de Mr. Formont um folheto *Le mouvement poétique contemporain en Portugal* que o illustrado escriptor francez se dignou offercer-nos e de que nos occuparemos nos proximos numeros do OCCIDENTE.

Manuel Barradas.



REVISTA POLITICA

Ha muito tempo que não nos vemos tão seriamente embaraçado para relatarmos, nos estreitos limites d'esta revista, o que a politica deu que fallar de si n'estes ultimos dias.

voto de confiança e simplesmente approvar uma moção do sr. Beirão, de que «a camara affirmando o desejo de resolver a questão de fazenda sem preocupações partidarias, e reconhecendo a necessidade de regular urgentemente a situação dos credores da divida publica, passasse á ordem do dia».

A isto acrescentou o sr. Beirão, que o governo devia ficar porque era preciso responder pelas suas responsabilidades.

O sr. Franco Castello Branco declarou por parte do partido regenerador, que votava a moção, visto ella não importar um voto de confiança ao governo.

O sr. José Dias Ferreira acceitou a moção e ficou, quando toda a gente esperava o contrario D'ahi o pasmo geral em que se converteu a anciedade publica.

O melhor porem do caso é que o partido regenerador e o progressista se declararam em opposição aberta com o governo, e n'estas circumstancias o sr. presidente do conselho procurou chegar a accordo com o sr. José Luciano de Castro, acordo que a maioria dos progressistas não viram com bons olhos, e os do Norte principalmente, estão combatendo a valer.

Os regeneradores declararam guerra em toda

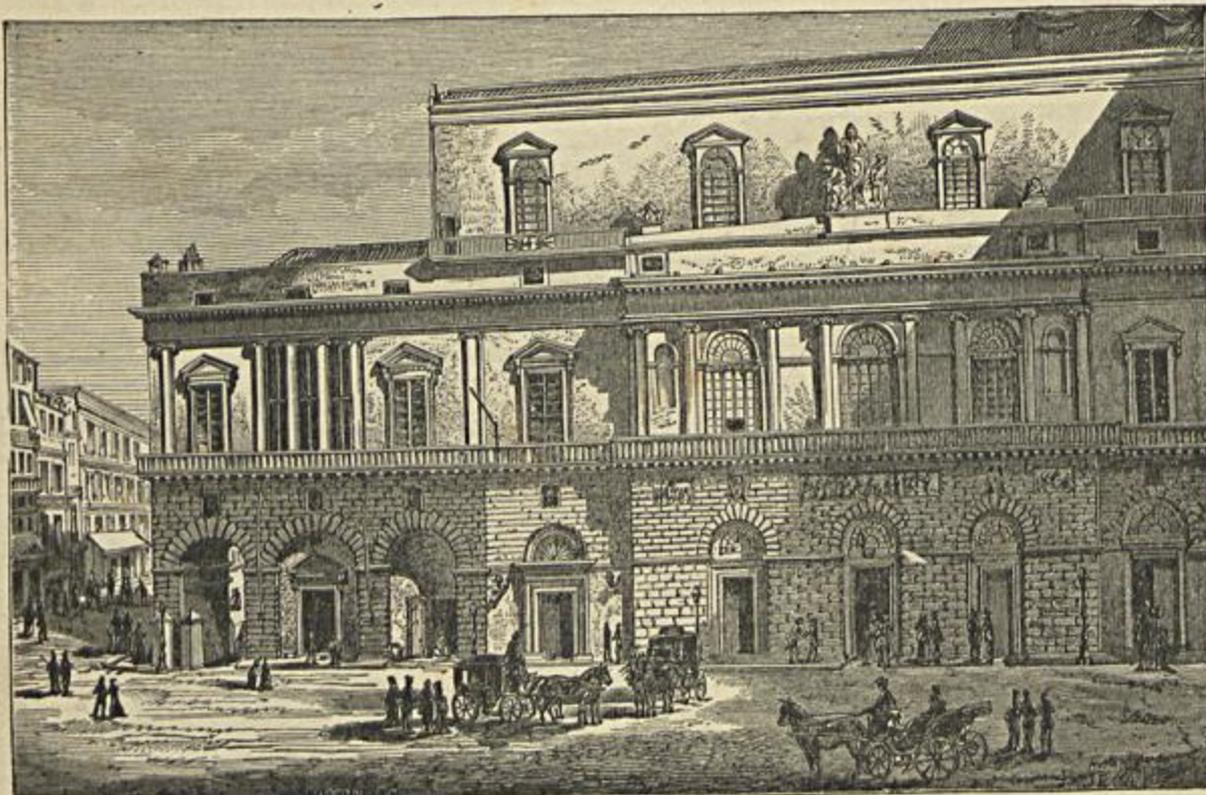
Depois d'isto não se pôde dizer que o sr. ministro da fazenda fosse menos sincero que os seus antecessores, deve lhe mesmo ser levada em conta esta sinceridade para as faltas que tenha commettido, porque nenhum dos ministros que o precederam, na pasta da fazenda, tiveram ainda aquella virtude, de confessarem que tambem não percebiam nada de contas.

Não o confessaram é verdade, mas é como se o tivessem confessado, porque os efeitos d'essa ignorancia tem se sentido deveras sem deixar sombra de duvida.

Bem fizemos nós em a nossa ultima revista em pôr no condicional as economias que o governo dizia ter realiado com as reformas feitas, porque afinal, pelo que a commissão de fazenda verificou, essas reformas foram negativas para o thesouro e antes pelo contrario, o que mais uma vez nos leva ao convencimento da impossibilidade de administrar a fazenda publica dentro do circulo vicioso da politica da terra.

Até certo ponto viveu-se dos optimismos, apesar da ruina em que os pessimistas diziam ir a fazenda publica.

Agora, ha tres annos, que os optimismos desapareceram e se deu razão aos pessimistas, concordando todos que é preciso salvar isto, mas os



THEATRO DE S. CARLOS. EM NAPOLES

Desde o mau effeito das propostas de fazenda, até á trepa que os srs. Costa Lobo e visconde de Chancelleiros deram ao sr. presidente do conselho, na camara dos pares, tem vindo a publico os casos mais divertidos que se podem imaginar dentro da seriedade que deve revestir os actos de um governo.

A coisa principiou por uma divergencia de opiniões entre a commissão de fazenda e o sr. presidente do conselho, divergencia em que o sr. Franco Castello Branco, e com elle a maior parte da commissão de fazenda, entendia que em primeiro logar se tratasse de apreciar as medidas tributarias e o orçamento, e depois o accordo sobre a divida externa, para se saber os elementos com que se contava para approvar e cumprir o decreto de 13 de julho.

O sr. José Dias Ferreira era de opinião exactamente contraria, queria que se principia-se pelo accordo.

D'aqui resultou o governo querer fazer questão politica do caso, e qual outro Geraldo Sem Pavor, arremetteu para o seio do parlamento, para que lhe dissessem para ali se tinham ou não tinham confiança n'elle.

Foi um dia de anciedade aquelle, em que a temeridade do sr. José Dias Ferreira ia expôr o paiz a ficar sem o seu governo; mas por fim aquella anciedade converteu-se em pasmo, porque o governo ficou apesar da camara lhe não dar o

a linha, e eis como de uma hora para a outra lá se foi tudo que Martha fiou, acabando as benevolas attitudes, e o querer fazer passar o sr. presidente do conselho por um homem direito que nem um fusô.

Digam nos se ha nada mais divertido que estes politicos.

Mas não param aqui as novidades politicas; ha ainda melhor.

Como dissemos em a nossa revista passada, o sr. Dias Ferreira disse no seu relatorio que o deficit calculado para o futuro anno economico era de uns cinco mil contos, e vae d'ahi a commissão de fazenda, revendo o orçamento verificou que o deficit é superior a oito mil contos, e que as apregoadas economias feitas com as reformas, produziram um augmento de despeza em cerca de quatrocentos contos.

Assim se tem dito, que nós não o sabemos de viso proprio, porque não somos membros da commissão de fazenda, e francamente as embrulhadas que fazem com a politica, não inspiram confiança a ninguem para affirmar aquillo que não vê.

Se até se diz que as sommas estavam erradas em alguns milhares de contos, e que o sr. presidente do conselho, vendo se muito epertado pelos membros da commissão sobre os seus calculos financeiros, acabou por declarar que não percebia nada de contas.

tenores d'este *Trovador* succedem-se uns aos outros e nenhum salva coisa alguma.

Pois o remedio é bem simples; dispensem as eleições com todos os seus influentes e verão como tudo se arranja

Se não concordam, então deixemo nos de mais nada que alguem tomará conta d'isto.

João Verdades.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Adolpho, M. desto & C. — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39